

Contra-colonialidades nos coletivos juvenis: uma experiência com o “Cultura Zona Oeste” no Rio de Janeiro

DOI: <https://doi.org/10.22409/pragmatizes.v12i22.51063>

Jean Vitor Alves Fontes¹

Beatriz Akemi Takeiti²

Ricardo Lopes Correia³

Resumo: Este artigo trata de um recorte de uma pesquisa participante e tem como objetivo discutir pistas contra-coloniais nas ações, movimentos e modos de organização de um coletivo cultural de jovens urbanos periféricos da zona oeste da cidade do Rio de Janeiro. Os saberes compartilhados e discutidos aqui partiram de uma produção coletiva e horizontal, inspirada na Investigação Ação-Participante de Orlando Fals Borda. Esta escolha metodológica parte de um compromisso ético e social com os participantes e suas pautas sociopolíticas. O desenvolvimento do artigo perpassa pelos modos de organização e atuação do coletivo Cultura Zona Oeste no território, pelas suas produções artístico culturais e as dimensões políticas nelas pautadas, articulando, desta forma, teorias e conceitos que nos possibilitam refletir as ações contra-coloniais presentes na movimentação do coletivo pelo território.

Palavras-chaves: Contra-colonialidades; decolonialidade; coletivos culturais; arte; jovens urbanos periféricos; psicossociologia de comunidades.

¹ Jean Vitor Alves Fontes. Psicólogo. Doutorando em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social no Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Brasil. E-mail: jean.vitor37@gmail.com - <https://orcid.org/0000-0001-5542-0852>.

² Beatriz Akemi Takeiti. Doutora em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), docente do Departamento de Terapia Ocupacional da Faculdade de Medicina e do Programa de Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social no Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Brasil. E-mail: biatakeiti@medicina.ufrj.br - <https://orcid.org/0000-0003-2847-0787>

³ Ricardo Lopes Correia. Doutor em Ciências da Saúde pela Faculdade de Medicina do ABC (FMABC, Santo André), docente do Departamento de Terapia Ocupacional da Faculdade de Medicina e do Programa de Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Brasil. E-mail: ricardo@medicina.ufrj.br - <https://orcid.org/0000-0003-3108-2224>

Recebido em 25/08/2021, aceito para publicação em 25/01/2022 e disponibilizado online em 01/03/2022.

Contra-colonialidades en colectivos juvenis: una experiencia con el “Cultura Zona Oeste” en Rio de Janeiro

Resumen: Este artículo es parte de una investigación participante y tiene como objetivo discutir pistas contra-coloniales en las acciones, movimientos y modos de organización de un colectivo cultural de jóvenes urbanos periféricos en la Zona Oeste de Río de Janeiro. El conocimiento compartido y discutido aquí partió de una producción colectiva y horizontal, inspirada en la Investigación Acción Participativa de Orlando Fals Borda, esta elección metodológica parte de un compromiso ético y social con los participantes y sus agendas sociopolíticas. El desarrollo del artículo permea los modos de organización y actuación del colectivo Cultura Zona Oeste en el territorio, sus producciones artísticas culturales y las dimensiones políticas basadas en ellas, y finalmente, las articulaciones entre teorías y conceptos que permiten discutir las acciones contra-coloniales en los movimientos del colectivo.

Palabras claves: Contra-colonialidad; decolonialidad; colectivos culturales; arte; juventud urbana periférica; psicología de comunidades.

Counter-colonialities in youth collectives: an experience with the “West Zone Culture” in Rio de Janeiro

Abstract: This article is part of a participant research and aims to discuss counter-colonial clues in the actions, movements and modes of organization of a cultural collective of peripheral urban youths in the West Zone of Rio de Janeiro. The knowledge shared and discussed here departed from a collective and horizontal production, inspired in the Participating Action Research by Orlando Fals Borda, this methodological choice starts from an ethical and social commitment with the participants and their sociopolitical agendas. The development of the article permeates the modes of organization and performance of the Cultura Zona Oeste collective in the territory, its cultural artistic productions and the political dimensions based on them, and finally, the articulations between theories and concepts that allow us to discuss about counter-colonial actions presents in the movement of the collective.

Keywords: Counter-colonialities; decoloniality; cultural collectives; art; peripheral urban youth; psychosociology of communities.

Contra-colonialidades nos coletivos juvenis: uma experiência com o “Cultura Zona Oeste” no Rio de Janeiro.

Introdução:

Vivemos em uma sociedade constantemente atravessada por padrões de hierarquização e opressões. Desde o marco da colonização, a ideia de raça tem sido um dos principais marcadores para as violências provocadas por esses padrões, estando os povos considerados “racializados” na constante mira destes atravessamentos (QUIJANO, 2000). As relações precárias de trabalho e exploração, a ausência de políticas públicas e/ou a implementação de políticas violentas presentes nas periferias e no cotidiano dos povos periféricos podem ser compreendidas como resultados da operação de uma matriz colonial de poder, que atua no controle subjetivo e material de diversas dimensões e âmbitos da vida social (QUIJANO, 2007).

Para além desses atravessamentos que alcançam uma dimensão socialmente ampla, existem também os atravessamentos que marcam uma dimensão individual/subjetiva dos

povos negros e indígenas brasileiros devido os processos de colonização e de colonialidade, fazendo com que estes povos sejam considerados inferiores intelectualmente, “sem alma”, distantes da ideia de beleza, tidos apenas como objetos de desejo e não merecedores de afeto (SANTOS, 2015).

Contrário a esses marcos e atravessamentos, são diversos os movimentos sociais e ações coletivas que vêm tentando construir novos significados, representações e modos de vida para os povos negros, indígenas e periféricos. Neste trabalho, iremos olhar especificamente para uma juventude urbana periférica e sua atuação por meio de um coletivo cultural.

De acordo com Takeiti e Vicentin (2019), existe uma potência na juventude urbana periférica produtora de arte e cultura que passa pela reinvenção de diferentes modos de ser e da produção de novas subjetivações para si enquanto sujeito,

para o coletivo envolvido e para o território de atuação. Estas reinvenções vão de encontro a padrões e ideias hegemônicas sobre a periferia e o ser periférico.

Com isso, este artigo apresenta um recorte de uma pesquisa participante realizada junto ao coletivo Cultura Zona Oeste. Trata-se de um movimento cultural, organizado por jovens que valorizam e promovem uma cultura de base territorial e comunitária, majoritariamente no bairro de Campo Grande, na zona oeste da cidade do Rio de Janeiro. O coletivo imprime em suas diversas ações artísticas, marcas das assimetrias territoriais que implicam nos modos de participação e desigualdade, sobretudo da população jovem, que se reproduzem enquanto marcas e atravessamentos coloniais.

Desta forma, produziu-se uma pesquisa horizontalizada, a fim de apresentar e discutir pistas contra-coloniais presentes nas ações, movimentos e modos de organização do coletivo cultural, identificadas através de uma construção de saber múltiplo, em processos de intersubjetividades, alinhado a pautas sociopolíticas em comum.

O artigo está organizado em quatro partes: I) os caminhos metodológicos da pesquisa; II) o modo de organização e ação no território do coletivo Cultura Zona Oeste; III) as suas produções artístico culturais e as dimensões políticas pautadas, trazendo temas dos bastidores para a cena; e, IV) uma leitura conceitual sobre a contra-colonialidade presente nas ações do coletivo.

Percurso metodológico: o caminho se faz ao caminhar

A aproximação entre o pesquisador e o coletivo Cultura Zona Oeste se deu a partir do alinhamento de posicionamentos políticos e sociais e a identificação com a arte. Em seguida, as relações foram se estreitando a partir de convites para trocas, conversas, acompanhamento de ações e andanças pelo território da Zona Oeste na cidade do Rio de Janeiro. Assim o percurso metodológico foi se desenhando, partindo das vivências do campo até o encontro com a perspectiva metodológica de Investigação Ação-Participante (IAP) de Orlando Fals Borda (2014).

A Investigação Ação-Participante (IAP) é uma ferramenta teórico-metodológica e também política. Orlando Fals Borda (2014), ao compartilhar suas experiências e objetivos, vai desenhando algumas diretrizes que definem o que é a IAP e como ela pode ser desenvolvida. Destacando aqui algumas destas orientações dadas pelo autor, podemos pensar que a IAP caminha na direção da quebra de hierarquizações no modo de se produzir ciência, no fim de uma imposição de saberes e só é possível de ser desenvolvida a partir de um comprometimento ético e social entre pesquisador e participante que os levem a um dos principais objetivos da teoria - a transformação social.

De acordo com Fals Borda (2014), se comprometer a desenvolver a IAP é colocar nossos pensamentos e ferramentas a serviço de uma causa, isso exige de nós a ocupação do lugar de pesquisador militante, um pesquisador que se envolve e deixa ser envolvido pelos atravessamentos e afetos do campo de pesquisa, para que junto com os participantes, possam encontrar resoluções para

problemas sociais que afetam aquele grupo.

Esses pensamentos defendidos por Fals Borda, segundo Bringel e Maldonado (2016), dizem sobre uma ideia de subversão, compreendida por ele como a transformação de uma estrutura social anterior injusta por uma nova e mais justa. Os autores chamam à atenção para a não ingenuidade da busca por justiça enquanto movimento da IAP, pois, como alerta Fals Borda, há a possibilidade da não realização total desta subversão, deste plano revolucionário.

O pesquisador, portanto, é agente militante, pois está envolvido com a causa da pesquisa, e a compreende como uma prática social, que rompe com os processos de colonização, na qual muitas vezes ele, o pesquisador, é o agente reproduzidor.

A militância na pesquisa diz sobre os modos não ocidentais de produção de ciência, modos que vão de encontro a colonialidade do saber. Um dos processos da colonização, no qual foi sendo imposto pelos povos euro-ocidentais, é o saber hierarquizado, utilizado como mais uma arma para eliminar violentamente

tudo o que não partia do ocidente, posto como irrelevante, duvidoso ou falso (MIGNOLO, 2010).

Castro-Goméz e Grosfoguel (2007) chamam atenção também para a visão universalista e eurocêntrica de ponto zero, no qual se acredita que a tomada para a produção de conhecimentos nos campos das ciências humanas e sociais deve partir de um "ponto neutro", sendo essa ideia uma estratégia ocidental de dominação econômica, política e cognitiva do mundo, da qual as ciências sociais fizeram parte. O saber está presente e atravessado nos grupos subalternizados, minorias sociais, povos que estão à frente de movimentos sociais e defensores de causas, portanto é necessário a produção de um conhecimento político, posicionado e que não tenha pretensões de neutralidade e objetividade.

Foi a partir desses embasamentos teóricos metodológicos que fomos desenvolvendo a pesquisa de mestrado intitulada "Contra-colonialidades nos movimentos artísticos-culturais de jovens urbanos periféricos: um estudo em psicossociologia na Zona Oeste do Rio

de Janeiro", nos anos de 2019 e 2021 junto ao Coletivo Cultura Zona Oeste.

Os saberes e conteúdos foram produzidos inicialmente em 2019 a partir de encontros e acompanhamento do coletivo em eventos e apresentações presenciais. Porém no ano de 2020, devido a pandemia da covid-19 e a impossibilidade de nos encontrarmos presencialmente, passamos a dialogar e dar continuidade a pesquisa por meio de rodas de conversas em grupos de Whatsapp®, chamadas de vídeo via plataformas Zoom e Google Meet e produção de vídeos teóricos e artísticos utilizando o Youtube como plataforma facilitadora para o envio e compartilhamento de produções estético-artísticas.

O contato inicial para a realização do campo da pesquisa foi com as lideranças do Cultura Zona Oeste, para quem foram apresentadas as propostas da investigação e em seguida para os demais participantes do coletivo. Após um mapeamento para verificar a facilidade de acesso à internet de todos os participantes, criamos um grupo no Whatsapp® onde organizamos e realizamos os encontros e atividades, nos quais

foram colocados em diálogo os seguintes temas: 1. Raça, identidade e apagamentos; 2. Negros de pele clara, política de embranquecimento e o pardo no Brasil; 3. Colonialidade do Poder: a "nova cara" do colonialismo; 4. Decolonialidade e contra-colonialidade: caminhos antirracistas; 5. Colonialidade, invenção do dualismo sexual e da binaridade de gênero; 6. Visões de mundo, religiões e colonialidade. No último encontro compartilhamos as experiências e discutimos os encaminhamentos para a pesquisa. E a análise dos dados se deu a partir da triangulação dos resultados da pesquisa, a fim de identificar o eixo de análise.

Portanto, este recorte da pesquisa que será apresentado aqui trata-se de um conteúdo produzido, analisado e discutido em colaboração com o Coletivo Cultura Zona Oeste, destacando as experiências dos percursos da pesquisa. Não há um olhar vertical analítico que aponta categorias de explicação sobre o comportamento do Coletivo e, sim, a produção da pesquisa como uma tecnologia de intervenção na realidade sobre/com os sujeitos que utilizam de

seus corpos, envolvidos nas práticas e linguagens estético-artísticas, para acionar transformações no território. Por isso, convidar os participantes para acessar referenciais teóricos, previamente definidos pelos pesquisadores, bem como as inclinações metodológicas, contribuiu para promover e aguçar o olhar e discutir as realidades sociais a partir de diferentes perspectivas. Esta escolha metodológica nos possibilitou produzir um saber que diz sobre um diálogo entre a presença do pesquisador, os atravessamentos da realidade social e a presença do coletivo sobre si e sobre os saberes que foram produzidos.

Por onde caminha um coletivo de cultura - experiências com o Cultura Zona Oeste

O Coletivo Cultura Zona Oeste é um coletivo que nasceu a partir de um marco de reivindicações populares após o assassinato da vereadora Marielle Franco em 14 de março de 2018, no bairro Estácio na cidade do Rio de Janeiro. O coletivo foi criado por dois jovens motivados em meio aos protestos realizados pela população em repúdio ao ato de extrema violência (FONTES, 2021). A

partir destes atravessamentos, os jovens sentiram a necessidade de fazer algo voltado aos povos pretos e periféricos e outros grupos minoritários, assim como defendia Marielle Franco. Neste momento, a arte e a cultura emergiram como uma ferramenta para a ação, visto que estas já faziam parte da cotidianidade dos jovens que, somado às dinâmicas do território, se tornou um espaço de luta e produção de vida.

Reconhecer e nomear o coletivo a partir do território em que está localizado foi uma das escolhas do

Cultura Zona Oeste para mostrar que a sua militância fala de um lugar específico e é atravessado por todas as características, problemáticas, necessidades e potências desse lugar, sendo este também responsável por moldar e ir definindo os caminhos do coletivo e as suas ações.

O principal território de atuação do Coletivo é o bairro de Campo Grande, Rio de Janeiro -RJ, identificado pelo número 144 e realçado em vermelho na figura abaixo:

Figura 1 - Mapa dos bairros do município do Rio de Janeiro.



Fonte: Mapa retirado dos dados do município disponibilizados no site do DATA RIO, acessado no link: <http://www.data.rio/datasets/mapa-dos-bairros-do-munic%C3%ADpio-do-rio-de-janeiro-2017>, em 19 de julho de 2021.

Considerado o bairro mais populoso do município, de acordo com o Instituto Pereira Passos (IPP) com base no Censo de 2010, Campo Grande possui um total de 328.370 habitantes, o que equivale a 5,2% da população da cidade do Rio de Janeiro. Apesar do seu grande volume populacional e extensa área territorial, se compararmos aos dados de saúde, educação e transporte do centro da cidade e da zona sul disponíveis na

plataforma do Instituto Pereira Passos, o bairro de Campo Grande é um dos mais desassistidos pela assistência pública municipal.

Foi neste território e a partir destas ausências do poder público que o Cultura Zona Oeste iniciou as suas ações e as mantém até hoje, dando os primeiros passos no ano de 2018 por meio de aulas de dança para a juventude da região. As aulas

aconteciam na casa de um dos jovens fundadores do coletivo.

A partir daí, com o passar do tempo, o coletivo foi realizando articulações e conseguindo se desenvolver e ganhar mais espaço no território, tendo o apoio do sindicato de professores e faculdades da região, se conectando com outros líderes comunitários e ativistas locais e ampliando também o quadro de jovens líderes e de monitores para a realização das oficinas artísticas. Todos os envolvidos no coletivo atuam de forma voluntária e têm como objetivos promover transformação

social a partir das suas ações comunitárias.

Nos anos de 2019 e 2020, o coletivo Cultura Zona Oeste atendeu uma média de 98 jovens com idades entre 16 e 24 anos, oferecendo oficinas de teatro e dança que eram realizadas na sede de uma universidade privada do bairro de Campo Grande, por meio de uma parceria; nesse mesmo período o coletivo possuía 6 lideranças que estavam à frente das ações e articulações do coletivo, 5 deles eram jovens com idade entre 19 a 21 anos (FONTES, 2021).

Figura 2 - Foto do Coletivo Cultura Zona Oeste



Fonte: Arquivos de imagens do Coletivo, acessado no link: <https://www.facebook.com/photo?fbid=463636127763038&set=a.207132833413370>, em 19 de julho de 2021.

O Cultura Zona Oeste mantém como princípios a valorização do território da Zona Oeste do Rio de Janeiro, incentivando o protagonismo e liderança juvenil e defendendo os direitos de vidas pretas e periféricas. Esses princípios dão base e orientam as ações artísticas e socioculturais do coletivo que tendem a se desenvolver em rede com e para os moradores do território, a fim de promover o acesso à cultura e arte na direção do desenvolvimento de um pensamento crítico.

O protagonismo juvenil não está presente apenas como uma ideia a ser defendida pelo coletivo, mas também no seu modo de organização, na nomeação dos líderes, monitores e na construção da imagem do grupo. Para eles, é importante que os jovens ocupem lugares políticos e de liderança no território da Zona Oeste do Rio de Janeiro, a fim de promover novos movimentos, novas ideias e olhares, visto que a representação que esses jovens possuem da política e organização social territorial é de pessoas "mais velhas" que sempre ocuparam os cargos e posições, sejam eles institucionais ou não, e determinam como esses espaços irão

funcionar, quais normas serão delimitadas e como irão atender as pessoas.

Por isso, é presente nas falas e posicionamentos das lideranças do coletivo a necessidade de mostrar que os jovens possuem a própria voz, não precisam de outras pessoas para falar por eles, podendo eles serem responsáveis pela produção cultural, estarem presentes na participação política e serem agentes da transformação social local. Tudo isso partindo de um lugar de quem vive os atravessamentos psicossociológicos de raça, classe, gênero e outros marcadores presentes na periferia, que se tornam questões a serem debatidas e transformadas.

O coletivo compreende o movimento da ação artística e cultural no território como um processo emancipatório da juventude, que passa a assumir um lugar de potenciais criadores, responsáveis e articuladores da comunidade. Reforça-se que esse processo vem sendo produzido através da arte e da cultura. Vale lembrar que a escolha desse caminho se dá também pela ausência de acesso a espaços e produções artísticas e culturais na região da Zona

Oeste do Rio de Janeiro, região que os jovens apontam como uma localidade sucateada e pouco lembrada também no âmbito cultural.

Reinventando-se e criando estratégias para as suas ações, o coletivo nomeia a sua forma de atuação na arte e cultura como uma produção cultural popular, na qual a busca por apoio para a realização de ações acontece dentro da própria região e é "financiada" pelos moradores. As aulas, oficinas e workshops são ofertadas de forma voluntária por outros jovens artistas da região e os espaços de realização das ações e atividades são disponibilizados por meio de parcerias institucionais. Tudo isso acontece através de uma mobilização comunitária e em rede, somando a iniciativa dos líderes do coletivo ao apoio de pessoas que acreditam no movimento e na potência socioeducativa e crítica que pode ser oferecida por meio do acesso a arte e cultura.

Em meio a essas movimentações, o coletivo lança-se também para a ocupação de espaços culturais, seja promovendo ações em espaços já existentes na região ou

cobrando o poder público na garantia de espaços e instrumentos culturais novos. E ainda, o coletivo se coloca a reinventar o território, no qual os jovens tendem a transformar espaços públicos como praças, parques e calçadas em espaços culturais, utilizando esses locais para ensaios, aulas e intervenções artísticas.

Outro ponto de destaque nessa perspectiva de "ocupação" defendida pelo coletivo é o fato de um dos líderes do Cultura Zona Oeste ter se tornado a pessoa mais nova a ocupar uma cadeira do Conselho Estadual de Cultura do Estado do Rio de Janeiro, visando também o lugar da ocupação política/institucional como um caminho possível para a garantia de políticas públicas voltadas ao seu território e se tornando um representante público que parte de um coletivo que está diretamente ligado e preocupado com as problemáticas da sua comunidade.

A partir desta ocupação, em novembro de 2019 foi desenvolvido e realizado pelo Coletivo Cultura Zona Oeste o I Fórum de Cultura e Inovação de Campo Grande, com apoio do Governo do Estado do Rio de Janeiro e a Fundação Anita Mantuano de Artes do Estado do Rio de Janeiro

(FUNARJ), a fim de se discutir e elaborar planos e ações para a ampliação e permanência cultural no bairro de Campo Grande, sendo convidados a juventude do bairro, agentes culturais, lideranças de outros coletivos e moradores em geral para discutir e pensar as políticas culturais da região.

Os debates e a abertura para o diálogo é uma das vias na qual o Cultura Zona Oeste tende a caminhar como uma perspectiva de envolvimento comunitário, principalmente da juventude. De acordo com a visão dos líderes do Cultura Zona Oeste, por exemplo, a abertura de espaço para rodas de conversa é importante para a aproximação das pessoas que são alcançadas pelo coletivo dos debates sobre arte, cultura e educação, podendo assim compartilhar a ideia defendida pelo coletivo de uma arte posicionada politicamente e que possibilita uma construção de caminhos que parte não só da formação artística, mas também de uma formação política, comunitária e cidadã.

Produções artísticas em coletivo numa dimensão política do cotidiano

As produções artísticas produzidas pelo Coletivo Cultura Zona Oeste carregam em si dimensões políticas que perpassam as músicas, passos de dança e interpretações cênicas, sendo apresentadas nos palcos, ruas e praças da cidade do Rio de Janeiro. A arte do coletivo, para além de uma ferramenta que contribui na expressão individual dos e das participantes, passa a ocupar uma ferramenta de comunicação coletiva, enquanto dialogicidade comunitária sobre os seus posicionamentos, lutas e militâncias que acontecem “nos bastidores”.

O modo que esta arte possibilita a comunicação é de uma maneira que sensibiliza e alcança a comunidade, de modo que ao retratar as realidades periféricas, quem está ali enquanto espectador, passa a perceber aquele tema/questões de um outro lugar, um lugar de quem permitiu ser tocado e sensibilizado pelo espaço que a arte produz e pelo conteúdo que ela oferece. Todas essas questões ocupam uma dimensão subjetiva e por

isso apresentamos aqui estas reflexões.

A figura 3 é o registro de uma cena que envolve dança e teatro, nomeada pelo coletivo como “Marielle”. A cena aborda questões em torno das vivências de jovens negros periféricos que tem sua vida rompida precocemente pela violência policial, questões em torno do lugar da mulher, das mulheres pretas e mulheres periféricas na sociedade. Enquanto o coletivo está em cena, é constantemente reivindicado o direito de viver, o direito a uma vida digna para os povos pretos e periféricos e a necessidade de transformação de uma realidade que é tão dura, atravessada pelo racismo e por outras imposições coloniais. Esta cena foi apresentada pelo coletivo no ato de um ano sem respostas após a morte da vereadora Marielle Franco, que aconteceu na Cinelândia, no centro do Rio de Janeiro – RJ. Além disso, a cena esteve presente em outros festivais de arte periféricas como o Festival Mixtura que aconteceu no bairro de Campo Grande, em 2019 e o Festival Pelo Nosso Futuro que aconteceu no Parque de Madureira, no mesmo ano.

Figura 3 - Foto da cena “Marielle”.



Fonte: Acervo de imagens do Coletivo Cultura Zona Oeste.

Outras pautas promovidas pelo coletivo nas suas produções artísticas é a valorização da cultura periférica, tendo o funk como o grande protagonista. O uso das músicas de funk, os rebolados, “quadrinhos” e *closes* durante as performances movimentam os corpos dos jovens do coletivo demarcando um lugar no palco, no intuito de defender o valor estético e cultural que o funk possui, e romper com as hierarquizações artísticas e culturais. Em uma das performances do coletivo, uma das falas enunciadas em protesto é “O funk é cultura, o funk não é crime!”, frase que tem o intuito de romper com as constantes associações deste estilo

musical com o tráfico ou outros tipos de crimes, estigmatizando o lugar de produção destas músicas - as favelas e as pessoas que se envolvem - geralmente, jovens pretos e periféricos.

Figura 4 - Foto do Coletivo Cultura Zona Oeste no palco do Festival Pelo Nosso Futuro.



Fonte: Acervo de imagens do Coletivo Cultura Zona Oeste.

Os debates em torno das sexualidades e dos gêneros também são constantemente pautados pelo coletivo. De acordo com as falas das participantes, estar em contato com esse modo de se produzir arte em coletivo, por meio da dança e do teatro, já os coloca em um lugar de

produzir novos pensamentos e se desconstruírem diante das imposições sexuais e de gênero.

De acordo com Lugones (2008), as imposições sexuais e de gênero que vivemos estão ligadas a um sistema de gênero moderno/colonial que integra o projeto de colonialidade, no qual os povos brancos por meio da ideia de hierarquização racial e inferiorização das culturas dos povos racializados, impuseram um modo ocidental de se relacionar com sexo e gênero, a fim de animalizar estes povos devido aos seus modos distintos de se relacionarem com sexo e gênero.

Os povos iorubás por exemplo, segundo Oyèrónké Oyěwùmí (2021) não possuíam uma relação sexual dualística e oposta, como as relações ocidentais de homem - mulher. De acordo com a autora, o que mais se aproximava das definições de gênero para os iorubás eram os termos *obinrin* e *okunrin*, que eram definidos pela imagem/aparência dos indivíduos e não por questões biológicas. E ainda, o "gênero" não era um marcador para a hierarquia social, possibilitando a existência de diversas comunidades matriarcais.

Neste sentido, o processo de colonização produziu múltiplas estratégias dentro do sistema de gênero moderno/colonial, a fim de fazer funcionar e estabilizar as relações de poderes dos povos brancos ocidentais sob os outros povos, sendo elas: a construção e difusão de um deus, pai e todo poderoso; a destruição de governos matriarcais; a retirada dos povos colonizados do seu território; e, a imposição de um núcleo familiar que reforça e atualiza os poderes branco-hétero-patriarcais (LUGONES, 2008).

Abaixo, ilustra-se com algumas mensagens que foram compartilhadas no grupo de Whatsapp® da pesquisa, enquanto discutíamos sobre outros modos de pensar as relações de sexo, gênero e sexualidades, baseadas nas teorias e discussões de Maria Lugones e Oyèrónké Oyěwùmí:

E no meio artístico você deve estar disposto a tudo, se for no teatro você pode em algum momento pegar o papel de um outro gênero. Já na dança tem a questão de ser visto como algo feminino o fato de dançar alguns estilos (isso é muito ?????) então se vc é um homem que se atrai por dança já tem que rolar toda uma desconstrução (Participante 1)

Em relação ao pudor, levando pra uma questão machista, de mulher na arte em geral, eu me via antes pensando em como dançar determinadas danças ou fazer determinadas cenas poderia fazer as achar alguma coisa, tipo ficar me policiando, ainda faço isso inconscientemente porém menos (Participante 2)

Discutir machismo, performances de gêneros e sexualidades estão presentes no cotidiano dos participantes do Cultura Zona Oeste, são atravessamentos que marcam o individual e se encontram também no coletivo, nas marcas de um grupo de pessoas que falam das periferias, a partir do lugar do ser jovem e de um olhar crítico e transformador para a sociedade.

Figura 5 - Foto do Coletivo Cultura Zona Oeste num ato pela diversidade em julho de 2021, em frente a Alerj, Rio de Janeiro-RJ.



Fonte: Acervo de imagens do Coletivo Cultura Zona Oeste.

Quando os jovens do coletivo retornam o olhar para as suas próprias ações, as reflexões são diversas dentro dessa dimensão social e política do cotidiano, como aconteceu nas trocas de mensagens do grupo de WhatsApp® ao refletirmos sobre as produções artísticas periféricas e a ideia de romper com padrões e imposições coloniais. Abaixo podemos acompanhar alguns relatos sobre a ideia de conscientização sociopolítica através do corpo e das performances:

[...] A relação do meu corpo, arte e ativismo é usar ele como forma de conscientização, como essa

coreografia, por exemplo. E foi como eu disse: "não seja marionete da OPINIÃO da sociedade", eu quis dizer que a opinião da sociedade não deve controlar você, você deve fazer, ou não, as coisas em cima do que for você se sentir bem (Participante 3)

Ainda, relatos sobre acesso a arte, rompimento de ideias preconceituosas e a arte periférica enquanto criadora de identidades e valorizadora de potenciais periféricos:

Acho que sim, a arte ainda é muito elitista. Aqui mesmo no Rio, quando uma peça grande entra em cartaz, são todas pela Zona Sul e afins, dá para perceber que até as estruturas dos teatros mudam. Acredito que arte periférica quebra bastante isso, de que só o que vem de fora é legal, "certo" ou "bonito", ela que carrega muito a essência e identidade do povo e desenvolve várias críticas sociais, acredito que isso ajuda muito na quebra de certas ideias (Participante 4)

E por fim, é necessário pensar a arte enquanto criadora de novos modos de aprendizagens e compartilhamento de saberes, no qual todo tipo de conhecimento é válido, sem hierarquizar devido a títulos e certificações:

Então eu acredito que a arte nas periferias sejam "contra-coloniais". Porque, embora alguns não tenham formação profissional, eles tem bagagem para compartilhar conhecimento. Por exemplo os monitores do cultura, que mesmo não tenham formação para dar aula, eles sabem muita coisa e podem compartilhar com a gente (Participante 5)

A arte produzida na periferia pelo Cultura Zona Oeste possui reinvenções, criatividade e desenvolvimento de potências que se dão por meio da atuação coletiva e do trabalho em rede, trazendo para cena questões do cotidiano periférico, em busca de comunicar a realidade através de um lugar crítico e dar luz a possíveis resoluções.

A contra-colonialidade nos movimentos, produções e organização do Cultura Zona Oeste

Pensar sobre contra-colonialidade nos movimentos do coletivo Cultura Zona Oeste parte primeiramente de uma perspectiva crítica da sociedade e de seu modo de organização, compreendendo que esta é regida pelo que Quijano (1991) nomeia como colonialidade do poder -

sistema de poder social sutil sustentado "implicitamente" pela Europa e Estados Unidos. Esse sistema atua e se mantém principalmente por meio da modernidade, do capitalismo, da globalização e o eurocentrismo, estratégias que atualizam constantemente o controle e a violência sobre os países que foram colonizados e as pessoas "racializadas", explorando o território, a natureza, o trabalho, as pessoas e suas subjetividades (QUIJANO, 2002).

Segundo Maldonado-Torres (2007), a colonialidade antecede o colonialismo, mas ao mesmo tempo sobrevive a este, visto que esta diz sobre a forma que o trabalho, o conhecimento, a autoridade e as relações subjetivas se articulam entre si, determinando hierarquias e relações de poder baseadas na ideia de raça. Com isso, podemos compreender os processos atuais do racismo em seus diferentes tipos como processos da colonialidade, desde o genocídio do povo preto favelado até a imposição da cultura branca-europeia enquanto cultura ideal, moderna.

Os estudos acerca da colonialidade tiveram uma maior

concentração e destaque com o grupo Colonialidade/Modernidade, sugerindo o termo decolonialidade como um termo ideal para se pensar estratégias que vão de encontro aos modos de organização imperialista, violento e explorador do sistema global (MIGNOLO, 2007). Ao falar sobre decolonialidade, o grupo Colonialidade/Modernidade está mais direcionado a um "pensamento" decolonial.

Não que o termo decolonialidade não se aplique a ações e movimentos da vida prática e cotidiana para além do campo do pensamento, porém escolhemos nos apoiar aqui na contra-colonialidade, termo utilizado por Antônio Bispo dos Santos (2019), pesquisador e pensador quilombola brasileiro, que nomeia como contra-colonialidade os movimentos de resistência dos povos afro-pindorâmicos (povos negros e indígenas brasileiros) desenvolvidos no cotidiano como formas de criar subsídios para manter vivas as suas culturas e saberes, criar estratégias contra as violências e produzir o bem viver.

Portanto, quando o Cultura Zona Oeste se propõe a pautar e

buscar soluções para problemáticas sociais locais que atingem as populações pretas e periféricas, questões estas que partem do sistema da colonialidade do poder e suas opressões, podemos considerar que eles estão se posicionando contra-colonialmente, produzindo brechas para promover direitos e qualidade de vida para sua comunidade.

Em tela, esta ideia de comunidade é em sua maioria formada por pessoas negras (pretas e pardas), assim como a maioria das populações de favelas e periferias brasileiras. Segundo a última publicação da revista "Retrato das Desigualdades de Gênero e Raça" (IPEA, 2011), a população negra representa maioria nos territórios de favela, sendo 66,2% dos domicílios chefiados por homens e/ou mulheres negras.

As ações contra-coloniais dos povos afro-pindorâmicos podem ser realizadas em diversos âmbitos, sejam eles políticos, sociais, subjetivos, artísticos e/ou culturais (SANTOS, 2019). Assim, compreendemos a arte e a cultura como um ponto de concentração para a atuação contra-colonial do Cultura Zona Oeste, porém a produção de arte e cultura por si só

não é o objetivo final e nem delimita as ações do coletivo. Pois, quando o coletivo se propõe a lidar e superar as vulnerabilidades do território, a partir da oferta de acesso a bens culturais de maneira popular e emancipatória, como pela “cobrança” destes bens ao poder público, o coletivo está rompendo com uma das ferramentas de exploração da população e do território que é a precarização. De acordo com Quijano (2002) a precarização é um estado necessário para a instalação da dominação, ninguém pode explorar ninguém se não o domina e, para dominar primeiramente, é necessário tornar os dominados dependentes, assim como aconteceu no processo de colonização, a escassez, a violência, a precariedade eram promovidas como ferramentas para tornar os povos dominados reféns de um poder. A mesma “mão” que possui o poder de fornecer direitos e acessos, possui também o poder de os retirar e, retirando-os, torna aqueles que necessitam dependentes e, portanto, vulneráveis a este.

Ainda sobre o processo de colonização, Antônio Bispo dos Santos (2019) expõe em seu livro

“Colonização Quilombos: modos e significações” as Bulas Papais, cartas trocadas e outros documentos históricos deste período, que nos permitem observar o quanto a produção de narrativas foi uma importante ferramenta para a produção do poder, principalmente as narrativas acerca de um Deus, pai e todo poderoso, que determinava quem eram os possuidores de alma e quem não eram, qual a cor da pele de quem possui o pecado e, portanto, quem deve servir aqueles que não o possui. Foi construído, com base em narrativas, uma intelegibilidade euro-cristã que produzia, e continua produzindo, verdades e imposições para os povos colonizados.

Assim, podemos perceber também a importância do processo de produção de narrativas que o Cultura Zona Oeste vem se propondo a construir, contrariando narrativas estigmatizadas e produzindo um olhar para a juventude periférica enquanto agentes potentes, produtores de arte e cultura, bem articulados, responsáveis e capazes de gerir e promover ações diversas nos seus territórios. Demonstram que a generalização de histórias e conceitos está implicada no

risco de produzir estigmas, gerar violências e mortes, portanto contrariá-los é produzir outras possibilidades para viver. Neste sentido, percebe-se que a arte urbana funciona como dispositivo analisador das amarras contra-culturais, descolonizando corpos e mentes.

Sobre isso, Takeiti e Vicentin (2017) argumentam que jovens periféricos que se inserem em coletivos culturais conseguem romper fronteiras e limitações colocadas pela sociedade, desconstruindo os estigmas e tornando possível o reconhecimento e a ocupação de novos espaços.

A ocupação política institucional que alguns dos participantes do coletivo se envolvem nesses dois aspectos discutidos anteriormente: o "fim" da precarização, apontado por Quijano (2002) e a produção de narrativas, colocada por Antônio Bispo dos Santos (2019). Nessa ocupação política institucional, há a ocupação de um espaço de poder ou de disputa de poderes que não foi pensado estruturalmente para ser ocupado por pessoas periféricas. Portanto a ocupação de um(a) jovem periférico(a) alinhado às pautas da periferia nesses

espaços produz a possibilidade da produção de políticas públicas que promovam à comunidade uma melhor qualidade de vida, partindo de uma lógica resolutive e não burocrática ou apenas "por aparência". E ainda, a construção de um outro olhar para as potências e possibilidades sociopolíticas da juventude periférica, transformando o espaço social como lugar também de cultura.

Enquanto não pudermos pensar em outros modos de sistema político-social que não esta "democracia", aliada ao poder importado do ocidente, a ocupação e a diversidade se tornam importantes dispositivos provisórios para os povos pretos, periféricos, e diversas minorias sociais, que não são representadas na cidadania do Estado.

Os processos de ensino-aprendizagem promovidos pelo Coletivo podem também ser compreendidos como contra-coloniais, ou como Mota Neto (2018) nomeia - uma pedagogia decolonial, na qual os processos de produção e expansão de saber estão diretamente ligados aos povos periféricos e organicamente ligados às suas vivências no cotidiano. O ensino das artes, as discussões e rodas de conversa sobre juventudes e

temas políticos e sociais promovidas pelo Cultura Zona Oeste está diretamente ligada às questões do território e fazem os jovens refletirem e aprenderem sobre questões que dizem sobre o lugar social de cada um, seus atravessamentos e formas de se posicionar diante disso.

Além do saber compartilhado não ser um saber formal, disciplinar, as pessoas que o compartilham também não possuem necessariamente uma formação institucional, uma certificação ou algo do tipo. Para compartilhar conhecimento, basta saber sobre e saber ensinar, os processos de ensino e aprendizagem caminham juntos, misturando no coletivo os saberes artísticos, culturais e políticos com outros saberes presentes no cotidiano.

Ao falarmos das produções artísticas do coletivo e suas apresentações, o conceito de biointeração cunhado por Antônio Bispo dos Santos (2019), permite romper com ciclos sintéticos da vida cotidiana e produzir ciclos orgânicos. Para especificar essa ideia, o autor usa o exemplo de elementos que são retirados da natureza, transformados em produtos sintéticos e não podem

mais ser aproveitados pela natureza novamente, como é o caso da borracha, diferente de produtos/produções orgânicas, que são retiradas da natureza enquanto matéria prima e depois podem voltar e serem reaproveitadas novamente, como ativadores da terra, adubo, ou mesmo para as demandas do cotidiano humano como cestos de palha e vasos de barro.

Neste sentido, quando o Cultura Zona Oeste produz as suas cenas/espetáculos a partir da realidade cotidiana da periferia e depois apresenta essas cenas em formatos estéticos para a comunidade, eles estão biointeragindo, promovendo através dessa biointeração uma outra forma da comunidade compreender a sua realidade e tomar consciência crítica dos atravessamentos opressores que os rodeiam, na qual muitas vezes são lidos ou compreendidos como uma experiência individual. Compreender que esses atravessamentos do racismo, capitalismo, machismo, da LGBTQia+ fobia, são processos históricos e coletivos podem promover outras formas de os indivíduos da

comunidade se relacionarem e se posicionarem diante disso.

Nesse mesmo processo de compreender atravessamentos históricos e coletivos pode ir acontecendo por parte da comunidade e dos participantes do coletivo um processo de construção de identidades, de se compreenderem enquanto pessoas negras/indígenas, suas histórias e memórias, compreenderem também o lugar da branquitude e os privilégios que esse lugar produz, e assim passar a visualizar outra dimensão das políticas cotidianas da colonialidade que como já foi citado, ocorre de maneira sutil.

Fannon (2008) olha para o processo de construção de identidades dos povos negros como um fator de extrema importância para o rompimento da opressão colonial, pois segundo ele, a humanidade foi negada ao povo negro, povo este que foi resumido a ser apenas o exterior ao branco, tendo suas histórias, culturas, heranças e potências apagadas. Quijano (1991) aponta que esses processos de apagamentos foi uma estratégia dos povos ocidentais durante a colonização, fazendo com que as identidades dos povos

colonizados se perdessem nos labirintos da colonização para que estes se tornassem dependentes dos colonizadores.

Por fim, pensar no modo em que o coletivo Cultura Zona Oeste se organiza nos leva a compartilhar dos elementos que Antônio Bispo dos Santos (2019) irá chamar de cosmovisão dos povos politeístas, no sentido de fazer com que as coisas aconteçam através das redes, estar em constante diálogo com os envolvidos, se envolver com o território e desenvolver melhorias para este e para a comunidade e seguir resistindo e encontrando brechas para defender e continuar desenvolvendo seus modos de produzir arte e cultura, de maneiras horizontais, colaborativas e compartilhadas.

Considerações Finais

Pesquisar, dialogar e produzir saberes junto ao coletivo Cultura Zona Oeste nos deu pistas sobre contra-colonialidades, sobre modos de atuar de maneira prática e direta para a resolução de problemas sociais investidos e sustentados pela colonialidade. É por meio de uma atenção sensível, política e ética que

vamos identificando ações e ferramentas de resistências potentes e presentes no cotidiano.

A atuação do coletivo frente aos padrões coloniais ocorre de forma múltipla, pois parte de um desejo que é promover o bem viver para a sua comunidade, seu povo, que é constantemente oprimida como as populações negras, indígenas, periféricas. Para alcançar o bem viver é necessário estarmos em atenção constante e em engajamento ativo a uma extensa dimensão de áreas, assuntos e temas da sociedade.

Para essas tarefas, vimos por meio da pesquisa a cultura e a arte como ferramentas potentes de atuação, que facilita a junção de pessoas e formação de grupos, a sensibilização humana e o olhar para o outro, e ainda, promove um amplo alcance comunitário, pois é por meio de festivais, feiras e outros eventos festivos que o coletivo consegue se comunicar e apresentar as suas pautas para a comunidade. A luta social se torna componente envolvido ao entretenimento.

A juventude periférica se coloca enquanto protagonista no seu território, tomando para si uma batalha

que é extensa, histórica, muito antiga, fazendo aquilo que podem e que acreditam que promove a libertação e a subversão das regras e opressões sociais, nos dando caminhos enquanto sujeitos implicados com a transformação social por meio da crença em possíveis mudanças e da organicidade que caminham nesta direção.

Portanto, estar atento aos movimentos que partem das periferias, dos povos afropindorâmicos, é uma direção necessária a ser tomada quando falamos de caminhos para a transformação social, de ações contra-coloniais. Os povos afropindorâmicos têm sido historicamente um povo de muitas criatividade e resistências, produzindo saídas para a subsistência dos seus por meio da fé, da cultura, da multiplicidade de saberes e da compreensão do movimento e da circularidade como elementos vitais. Aprendamos com eles, traduzindo modos de ver e agir na vida coletivamente.

Referências bibliográficas

BRINGEL, B.; MALDONADO, E. E. *Pensamento crítico latino-americano e pesquisa militante em Orlando Fals Borda: práxis, subversão e libertação.*

Revista Direito e Práxis, Rio de Janeiro, v. 7, n. 13, p. 389-413, 2016. DOI: 10.12957/dep.2016.21832| ISSN: 2179-8966

CASTRO-GOMÉZ, S. GROSFOGUEL, R. *El giro decolonial: Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*. Bogotá: Siglo del Hombre Editores, 2007.

FALS BORDA, O. Reflexiones sobre la aplicación del método de estudio-acción en Colombia. In: FARFÁN, N. A. H.; GUZMÁN, L. L. (comp.). *Ciencia, compromiso y cambio social*. [Colección: Pensamiento Latinoamericano]. Montevideo: Editorial El Colectivo, 2014. p. 265-282.

FANNON, F. *Peles negras, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008.

FONTES, J. V. A. *Contra-colonialidades nos movimentos artísticos-culturais de jovens urbanos periféricos: um estudo participante em psicossociologia na Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro*. (Mestrado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social). Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2021.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. *Retrato das desigualdades de gênero e raça*. Brasília: IPEA, 2011.

INSTITUTO PEREIRA PASSOS, *População residente por cor ou raça, segundo Áreas de Planejamento (AP), Regiões de Planejamento (RP), Regiões Administrativas (RA) e Bairros no Município do Rio de Janeiro – 2010*. Disponível em: <http://www.data.rio/datasets/popula%C3%A7%C3%A3o-residente-por-cor-ou-ra%C3%A7a-segundo-as-%C3%A1reas-de-planejamento-ap>

regiões-de-planejamento-rp-regiões-administrativas-ra-e-bairros-no-município-do-rio-de-janeiro-2010. Acesso em: 07 abr. 2020.

LUGONES, M. Colonialidad y Género. *Tabula Rasa*, Bogotá, n. 9, p. 73-101, 2008.

MALDONADO, N. Sobre La colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto. In: GOMÉZ, S. C.; GROSFOGUEL, R. *El giro decolonial*. Bogotá: Siglo del Hombre Editores, 2007. p. 127-168.

MIGNOLO, W. D. El pensamiento decolonial: desprendimiento y apertura: um manifesto. In: GOMÉZ, S. C.; GROSFOGUEL, R. *El giro decolonial*. Bogotá: Siglo del Hombre Editores, 2007. p. 25-46.

MIGNOLO, W. Desobediencia epistémica: Retórica de la modernidade, lógica de la colonialidad y gramática de la descolonialidad. Buenos Aires: Ediciones Del Signo, 2010.

MOTA NETO, J. C. Paulo Freire e Orlando Fals Borda na genealogia da pedagogia decolonial latino-americana. *Folios*, Bogotá, n. 48, p. 3-13, 2018.

OYĒWŪMÍ, O. *A invenção das mulheres: Construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

QUIJANO, A. ¿Sobrevivirá América Latina? Publicado em português em *Perspectiva*, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 60 – 67, 1991.

QUIJANO, A. Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina. La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales In: Cuestiones y horizontes: de la dependencia

histórico-estrutural a la colonialidad/descolonialidad del poder. Buenos Aires: FLACSO, 2000. p. 201-246.

QUIJANO, A. Colonialidad del poder y clasificación social. In: GOMÉZ, S. C.; GROSFUGUEL, R. *El giro decolonial*. Bogotá: Siglo del Hombre Editores, 2007. p. 93-126.

QUIJANO, A. Colonialidade, poder, globalização e democracia. *Novos Rumos*, v. 17, n. 37, 2002.

SANTOS, A. B. dos. *Colonização, Quilombos: modos e significações*. Brasília: AYÔ, 2019.

SANTOS, A. B. dos. *Colonização, quilombos: modos e significações*. Brasília: Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia/INCTI, 2015.

TAKEITI, B. A.; VICENTIN, M. C. G. Juventude(s) periférica(s) e subjetivações: narrativas de (re)existência juvenil em territórios culturais. *Fractal: Revista de Psicologia*, Niterói, v. 31, n. esp., p. 256-262, 2019.

TAKEITI, B. A.; VICENTIN, M. C. G. Periferias (in)visíveis: o território-vivo da Brasilândia na perspectiva de jovens moradores. *Distúrb Comun*, São Paulo, p. 144-157, 2017.